



O Ideário
Patrimonial
O идеарио

Nº 19

Julho de 2024

Diversas facetas do Património



www.cta.ipt.pt

N. 19 // julho 2024 // Instituto Politécnico de Tomar

PROPRIETÁRIO

Instituto Politécnico de Tomar | Centro das Arqueologias

DIRETOR/EDITOR

Doutor Fernando Augusto Coimbra, Instituto Terra e Memória/ Instituto Politécnico de Tomar

DIVULGAÇÃO

Em Linha

DIRETORES-ADJUNTOS

Professor Doutor José d'Encarnação, Universidade de Coimbra

Professora Doutora Teresa Desterro, Instituto Politécnico de Tomar

Professor Especialista Fernando Sanchez Salvador, Instituto Politécnico de Tomar

CONSELHO CIENTÍFICO

Adolfo Silveira, Professor Doutor, Universidade Autónoma de Lisboa.

Ana Paula Avelar, Professora Doutora, Universidade Aberta

André Luís Ramos Soares, Professor Doutor, Universidade Federal de Santa Maria, Brasil.

Dragos Gheorghiu, Professor Doutor, Universidade de Bucareste, Roménia

Luiz M. Oosterbeek, Professor Doutor e Coordenador, Instituto Politécnico de Tomar

Regina Delfino, Professora Doutora, Instituto Politécnico de Tomar

Ziva Domingos, Professor Doutor, Universidade Agostinho Neto, Angola.

DESIGN GRÁFICO

Gabinete de Comunicação e Imagem© | Instituto Politécnico de Tomar

PERIODICIDADE

Semestral

ISSN 2183-1394

LATINDEX folio nº 23591

REGISTADA NA ERC nº 127733| REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores. Todos os artigos foram alvo de revisão por pares.

ENSINAR O PATRIMÓNIO

TEACHING HERITAGE

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património
Rua Eça de Queiroz, 89
Pampilheira
P – 2750-662 Cascais
jde@fl.uc.pt

Corre sério risco de ser corriqueira a palavra 'património', de tanto a ouvirmos pronunciar, a propósito de tudo e de nada. De um modo geral, pondo de parte a noção económica, de riqueza, o significado original mantém-se: «patres» são os antepassados, «património» é o que eles nos legaram.

Nem sempre se atentará, todavia, que à palavra está, por conseguinte, intimamente ligada a ideia de «pertença» ou, para se usar bem sugestiva imagem literária, a ideia de raiz, simultaneamente a força que agarra e que faz desabrochar. O passado e o futuro intrinsecamente unidos. Custa-nos ouvir «não tenho ninguém»; conforta-nos, ao invés, sentirmo-nos dentro de uma 'família', a geracional, a das amizades, a dos vizinhos, a da colectividade...

Daí, a necessidade de uma boa educação para o património, que, no fundo, nada mais será do que consciencializarmo-nos, a nós e aos demais, da sua imprescindível importância.

A Dra. Adília Alarcão (Maria Adília da Rocha Moutinho Alarcão e Silva, de seu nome completo) parece nunca ter sido de grandes escritas. Uma aparência que, já vai ver-se, não corresponde à verdade e se o seu nome assim quase de repente aqui aparece após as linhas iniciais é porque muito se lhe deve na cruzada pela consciencialização, a todos os níveis, da necessidade de bem preservar o património cultural.

Ligamo-la à cidade romana de *Conimbriga*¹, ao seu Museu Monográfico² (de que foi directora de 1969 a 1999) e à sua oficina de mosaicos³. E, de facto, se compulsarmos a *Bibliografia Arqueológica Portuguesa (1960-1969)*, organizada por Maria Teresa Pinto Mendes, apresentada por ocasião do II Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra

1970), das 14 entradas citadas apenas 2 (sobre cerâmica) não foram elaboradas em colaboração. O mesmo já se não poderá dizer relativamente ao período de 1970-1979,⁴ em que, dos 31 textos citados, 24 são de sua exclusiva autoria, nomeadamente sobre os mais diversos tipos de cerâmica⁵.

Quando responsável pelo Museu Nacional Machado de Castro, de Coimbra, em 1979 e de 1999 a 2005, não hesitou em coordenar a edição do inventário da sua colecção de ourivesaria medieval,⁶ em promover a redacção do seu roteiro,⁷ que teve em 2011 nova versão.⁸ E é de sua lavra o volume *De Paço a Museu: Um Edifício Singular*,⁹ onde magistralmente dá conta da evolução arquitectónica por que passou o edifício desse museu. Devem-se-lhe, ainda, vários dos textos do volume *100 anos, 100 obras Museu Nacional de Machado de Castro*.¹⁰

Uma actividade ímpar, portanto.

Dir-se-á, pois, que a sua maior preocupação tem sido a de despertar sensibilização e, inclusive, a breve comunicação feita em Castelo de Vide, em 1985,¹¹ pode considerar-se que resume, apesar da sua concisão, todo um programa pioneiro a ter em conta. Estava, nesse ano, recorde-se, a despontar por todo o lado, a ânsia de fazer render turisticamente as ruínas arqueológicas...

Esse seu voluntário perfil de incentivar sem se expor, digamos assim, na frente de combate, está bem patente em escritos plenos de saber, rigor e beleza, que inopinadamente se podem descobrir, como que esquecidos, na estante dum museu. A quatro deles cabe agora especial referência.

1 *Chão de Cacos*¹² (figuras 1 e 2).

«Há muitos muitos anos, há uns quatro séculos, trabalhavam aqui muitos oleiros no fabrico de louças finas» – assim começa a pastora Alegria a história da sua terra, a explicar que foi por, ao lavrarem a terra, os camponeses acharem muitos cacos que à sua aldeia haviam dado tal nome.

E dispõe-se, pois, Alegria a contar como tudo aconteceu: havia na Floresta do Dragão «um chino muito velho» e apareceu um pavão e houve reboliço entre os animais... Enfim, tudo estratégias para se mostrarem, na sábia paginação de Rui Veríssimo, cacos de porcelana com as referidas figuras. Sábia, também, evocação do passado oleiro de Coimbra – que até aos menos jovens encanta.

2. *Um Coelho Esperto*¹³ (figura 3)

«Todas as manhãs, bem cedo, aparecia, na floresta, um caçador de espingarda apontada ao céu».

E começa a história, em que o coelho incita todos a manifestarem-se, quando o caçador der o primeiro tiro. Assim aconteceu, o caçador fugiu espavorido, foi contar que a floresta estava povoada de duendes e... a história acabou! Não sem ter sido bom pretexto para, em imagens, se mostrar a variada fauna que os cacos recuperados ainda hoje mostram, na ingenuidade dos seus bonitos tons de azul.



Fig. 1 e Fig. 2 - Capa e conteúdo de "Chão de Cacos"



Fig. 3 - Ilustração de "Um Coelho Esperto"

3. Cinco heróis em Conimbriga¹⁴

Os cinco são personagens míticas que, em passeio pela Casa dos Repuxos, podem ser identificados: Teseu, o tal que venceu o Minotauro; Perseu, de lança na mão esquerda e a cabeça de Medusa na direita; Belerofonte; Sileno, o velho gordo e careca escarranchado num burro; Actéon, com dois cães a mordê-lo.

O mosaico a contar histórias com figuras e, neste caso, a dar conta de que nessa casa teria vivido «um homem muito rico, que recebia muitas visitas e certamente gostava de mostrar que era viajado e culto». Se calhar, acrescenta-se, também mandara pôr ali essas imagens todas para se salvaguardar do mau-olhado.

Livro bem didáctico este, que visa a introdução não apenas nos meandros da mitologia, tornando-a mais acessível, como também à técnica do mosaico, cuja confecção ali se ensina e explica. Sedutor, porque a história de cada herói está depois contada em bandas desenhadas.

4. O património é meu, é teu, é nosso – vamos cuidá-lo¹⁵ (Figura 4)

Um título assim parece contrariar a tendência dos três livrinhos anteriores. Enganamo-nos. E isso nos mostra, desde logo, Carlos Fiolhais, no elucidativo e bem apropriado prefácio do volume.

Na verdade, o objectivo é consciencializar os adolescentes de que «as diversas formas de património estão interligadas e diariamente presentes no quotidiano». E veicula um augúrio: «que o Património faça, em breve, parte obrigatória da disciplina *Cidadania e Desenvolvimento*». Mas esse objectivo e esse augúrio perpassa em páginas de mui agradável leitura, numa história que começa com a tentativa (impedida) de pinchação na parede duma capela antiga e entra, de mansinho, para a sala de aula.

E logo a ilustração do capítulo «Vamos falar de património» (Figura 5) se torna deveras significativa, porque junta uma ponte românica, uma janela antiga, um livro de capa em pele, um anel romano, um alfinete de ouro do século XX e um selo comemorativo dos Jogos Olímpicos de 1988. Que mais se poderia querer?

Não convém, todavia, deslindar quanto, paulatinamente, se vai explanando nas aulas que a professora Célia decidiu dedicar ao tema. Dir-se-á apenas que todas as questões habitualmente levantadas acerca do património – o que é, como se deve preservar, que inimigos tem, que perigos o cercam, que cuidados se impõem, o que é o Ph, que são bolores, que é o mofo, qual a importância da humidade, que periódicas análises devem ser feitas, a necessária interdisciplinaridade... Enfim, tudo isso aqui se aborda, num clima bem agradável de diálogo entre docentes e estudantes e sempre acompanhado de mui elucidativas e bem seleccionadas ilustrações. Aliás, se a intenção é fazer – como se escreveu – que a rubrica Património venha a constituir parte integrante da disciplina Cidadania e Desenvolvimento, aqui se apresentam, em sequência lógica irrepreensível os dados (dir-se-ia mesmo, os sumários!) para aulas sobre o tema.

E tão aliciante está o texto que, tendo conhecimento do livro, o K-12 Education Group, do AIC Children's Education Group quis ter uma versão/adaptação em língua inglesa, em formato Flipbook, que prontamente se preparou.

Se o volume merece a maior divulgação; se as escolas deviam diligenciar para que os docentes o viessem a conhecer e da sua relevância para uma educação global se compenstrassem – é conclusão que não necessita de se assinalar. Impõe-se por si!

À Dra. Maria Adília Alarcão e a toda a equipa de que soube rodear-se, mormente para a obtenção das bem elucidativas imagens que ilustram o volume – um aplauso maior!



Fig. 4 - Capa da obra “O património é meu, é teu, é nosso – vamos cuidá-lo”



Fig. 5 - ilustração do capítulo “Vamos falar de património”.

Notas:

- (1) Por cuja valorização eficazmente pugnou: ALARCÃO, Adília Moutinho de (1993), «Valorização das ruínas de Conimbriga. Critérios e realizações», *2º Congresso Peninsular de História Antiga. Actas (Coimbra, 18-20 de Outubro de 1990)*, Coimbra, p. 63-66.
- (2) Cujo catálogo meticulosamente preparou: ALARCÃO, Adília, *Coleções do Museu Monográfico de Conimbriga – Catálogo*, Coimbra, 1984. Prefaciou e superintendeu na preparação do guia *Ruínas de Conimbriga* (7ª edição, Instituto Português de Museus, 2002).
- (3) Cf. a publicação, feita de colaboração com Carlos Beloto, *Restauro de mosaico*. Lisboa: IPPC, 1987. Colaborou também no volume sobre os mosaicos romanos de Algarve Este, da autoria de Janine Lancha e Cristina Oliveira (2013).
- (4) A bibliografia arqueológica desse período foi preparada por Eduardo Pires de Oliveira e publicada em 1985 pelo Departamento de Arqueologia do Instituto Português do Património Cultural.
- (5) Um dos seus primeiros trabalhos será precisamente sobre cerâmica *sigillata* hispânica: «*Sigillata* hispânica em museus do Norte de Portugal», *Revista de Guimarães* 68, 1958, 249-315.
- (6) *Inventário do Museu Nacional Machado de Castro: coleção de ourivesaria medieval séculos XII-XV* - coord. de Adília Alarcão; textos de Fernanda Alves *et alii*, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2003.
- (7)

- (8) *Museu Nacional Machado de Castro: roteiro / textos* de Adília Alarcão *et alii*, Lisboa: Instituto Português de Museus, 2005.
- (9) *Museu Nacional Machado de Castro*, Vila do Conde: QuidNovi, 2011.
- (10) Coimbra: Centro de Estudos de Arqueologia Artes e Ciências do Património, 2018. Tem tradução, para inglês, de Joana Alarcão e Cunha: *From palace to museum : a very particular Building*. Cf. recensão in *Biblos* 3ª série, 6, 2020, p. 229-233: <http://hdl.handle.net/10316/90801>
- (11) Coordenado por Ana Alcoforado. Coimbra: Museu Nacional de Machado de Castro, 2017. Edição bilingue; tradução para inglês de Richard Birkby.
- (12) Alarcão (Adília M.), «Arqueologia e Turismo», *1ªs Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano 85 – Actas*, Castelo de Vide, 1987, 9-11. Na mesma linha se insere a coordenação da *Cartilha dos Direitos dos Monumentos*, publicada em 2003, quando Coimbra foi Capital Nacional da Cultura.
- (13) Edição do Museu Nacional de Machado de Castro (Direção Geral do Património Cultural), 2017. 30 páginas; fotografias de Raul Mendes. ISBN 978-972-776-494-5.
- (14) Direção Geral do Património Cultural – Museu Nacional de Machado de Castro, 2017. 24 pág. ilustradas. Bilingue, tradução para inglês de Joana Alarcão e Cunha; fotografias de Raul Mendes; desenho de João Pocinho. ISBN 978-972-776-493-8.
- (15) De Adília Alarcão em colaboração com António Pimentel, fotografias e design de Antoine Pimentel. Conimbriga: Direcção-Geral do Património Cultural, Museu Monográfico de Conimbriga, 2017. 51 pág. ilustradas. ISBN 978-972-776-491-4. Prefácio de Virgílio Hipólito Correia, na circunstância director do museu.
- (16) Edição da Fundação Bissaia Barreto, Coimbra, 2022. Design e ilustrações do Exploratório Centro de Ciência Viva de Coimbra. ISBN: 978-989-8485-07-6.

